



FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). A Academia vai à Escola. Campinas, SP: Papirus, 1995. 238 p.

A beleza da Academia e a boniteza da escola:  
Uma colheita de humildade, parceria e outros tantos frutos

Ivani Fazenda, nessa produção, organiza uma coletânea com a parceria de 25 pesquisadores, atingindo um total de 1000 professores da cidade de Resende, no Rio de Janeiro. A Academia vai à escola é um livro editado pela Papirus, em 1995 e revela que essa ida da universidade, com os seus mestrandos e doutorandos à escola, teve o intuito de aumentar o número de parceiros – professores pesquisadores – que pudessem vivenciar a interdisciplinaridade na educação, através de trabalhos realizados no Núcleo de Estudos sobre Interdisciplinaridade (NEI) na PUC/SP, hoje conhecido como Grupo de Estudos e Pesquisas da Interdisciplinaridade (GEPI). Cada um desses 25 pesquisadores organizou a sua proposta de trabalho de acordo com a sua área, destacando com isso, o respeito, um dos cinco princípios que a interdisciplinaridade suscita. Sob essa ótica, todas as áreas do saber assumiram a sua importância e permitiram a organização desse livro em 12 partes – outra característica de um trabalho interdisciplinar.

A professora Ivani abre o livro com o texto Carta de Resende, encantando-nos, quando diz que “fazer-se, a um tempo, formador e formando. Provar o gosto que tem a paixão de formar e embebedar-se dela [...]” é o sentido desse trabalho. Ou seja, é uma busca de sentido no início e no processo, buscando visualizar um final possível, mas não previsível, mostrando-nos a subjetividade que acompanha a formação dos seres em seu processo de formação. E, em meio a toda essa diversidade de áreas que compõe esse programa de formação de professores, cerceia uma lição antropológica, que nos permite reintroduzir a visão de totalidade a partir dos olhares particulares de cada um dos seus participantes. Além disso, Fazenda desmaterializa o olhar distante e utópico direcionado à universidade e à escola pública, apresentando-nos a possibilidade de habitar esses espaços com sabedoria, formação, cor, e acima de tudo, a vida em sua inteireza e com todas as suas benéficas. Assim, conceitos de autoridade e confiança são construídos, não impostos. Na primeira parte do livro, o autoconhecimento é abordado por Ruy César do Espírito Santo, com A questão do autoconhecimento na prática interdisciplinar. Nesse momento, o autor nos brinda dizendo que esse programa de formação foi “[...] um rio que atravessou as nossas vidas”, porém não como um rio que sabe onde vai chegar, mas um rio que tem força própria e que, depois de alimentado, com outras águas, tem a possibilidade de seguir, seguir e seguir... Um rio, assim como as nossas vidas, sempre recebe águas diferentes a cada amanhecer, mas isso não as classifica como sendo mais ou menos importantes que qualquer uma que já tenha passado. A partir dessa metáfora, Ruy conduz as suas reflexões acerca do autoconhecimento, apontando a sutileza que cinge esse ato de desvelar-se diante de si mesmo, pois esse ato pode somente ser realizado pela própria pessoa que se propõe a fazê-lo, sendo conduzida para isso. Nessa perspectiva, paciência, amadurecimento, emoção, encontro, pessoa... entre outros conceitos conduziram as reflexões acerca da identidade e das metamorfoses por ela sofrida, revelando que o processo do autoconhecimento não é estático e, caso nos permitamos, podemos nos conhecer e nos olhar a cada dia, de maneiras

diferentes. Em sua abordagem, o autor exemplifica ações possíveis de serem utilizadas na Pré-Escola e no Ensino Médio para se autoconhecer, sendo que, para esse exercício, o papel do professor como mediador é primordial. Ruy finaliza escrevendo sobre a importância do encontro dessas águas e das marcas por elas deixadas. Na segunda parte do livro – Pré-Escola e Séries Iniciais, Gabriel de A. Junqueira Filho apresenta-nos o texto Interdisciplinaridade na pré-escola: o convite num olhar. Nessa produção, Junqueira Filho destaca que o olhar para a pré-escola impele que o observador também se olhe. Se olhe com cor, com estética, com um olhar interdisciplinar, que lhe permita revisitar o vivido para repensar as ações presentes. Ou ainda, que nos convida a pensar por onde anda o nosso olhar. Quando há essa “permissão” em relação ao olhar, vislumbramos a racionalidade, a afetividade e o belo. Sob essa ótica, quando direcionamos os olhares à pré-escola/alunos, é preciso querer vê-la “nua” diante de todas as suas faces, para depois de ver-se, de forma não convencional, possamos trabalhá-la na sua inteireza, em prol da humanização – atitude esta, interdisciplinar. Essas faces que se mostram não estão representando o “eu despedaçado”, mas os diferentes processos constitutivos desses “eus”. Portanto, estão interconectados e fazem parte do processo de formação dos sujeitos. Geralda Terezinha Ramos, em Alfabetização: uma construção interdisciplinar divide a sua produção entre “programação”, “grupo”, “trabalho”, “construtivismo” e “avaliação”. Na programação ela destaca a dificuldade de organizar uma ementa de curso para um grupo que não se conhece. É preciso, assim, ouvir esse grupo e, a partir disso, concatenar a minha experiência com tais exigências. Em relação ao grupo, destaca que esse se constitui de 40 professoras que atuam em funções diversas, bem como em espaços geográficos também diversos. Nesses pontos – não comuns – está a beleza da parceira, categoria mestra da interdisciplinaridade. Quanto ao trabalho, muitos questionamentos surgiram, principalmente aqueles ligados às definições da interdisciplinaridade, alfabetização e de como abandonar o velho e acatar um novo desconhecido. Foram, então, disponibilizados momentos reflexivos sobre esses novos fazeres, conciliados com os fazeres antigos. Isso permitiu que compreendessem a relação existente entre ambos – novo e velho – abrindo a possibilidade para a reinvenção. No que diz respeito ao construtivismo e a psicogênese da leitura e da escrita, algumas indagações permaneceram, mas foram abordadas com paciência, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem. Esse exercício de respeito às formas de aprender de cada um permite o caminhar para uma dimensão de totalidade, fazendo os envolvidos sentirem que há vida na vida de cada ser, toda uma vida para ser vivida e aprimorada, conforme o contexto sócio-educacional em que nos encontramos. Eis o sentido do processo! Na avaliação foram vislumbradas as categorias discutidas, utilizando-se da simbologia do repolho e da rosa. Repolho no sentido de crescer e voltar-se apenas a si mesmo, fechando-se como tal. Rosa, no sentido de nascer fechada e, aos poucos, abrir-se bela e perfumada aos outros. Desse modo, percebe-se a necessidade de significar e relacionar o tempo vivido com possibilidades futuras, através do gosto “gostoso” pelo que se faz.

Cecília Warschauer traz no texto A roda e o resgate da fala adormecida: buscando caminhos para a interdisciplinaridade nas séries iniciais, a interdisciplinaridade como um caminho sem volta, pois esta se refere a nós como pessoas que, tendo bebido dessa fonte, fica difícil ficar sem ela. Tinha como objetivo revelar o que já existia para perceber-se interdisciplinar, “[...] já que as experiências vividas carregam nossa história e constituem a própria possibilidade de revisão, inovação e crescimento”. Warschauer utiliza os momentos de roda com o grupo (40 professoras) para fazer emergir nesses espaços, fontes reveladoras dos “eus, muitas vezes adormecidas e caladas, mas que têm todas as condições de virem a ser, se para isso forem conduzidas e estimuladas. Em decorrência disso, relata a importância do registro, tanto dela como coordenadora do grupo, como para os professores participantes. Esse exercício de roda, registro e respeito ao tempo de cada um permitiu, no momento da avaliação, estabelecer uma relação metafórica com os gansos selvagens, exemplo de um trabalho em parceria bastante interessante e promissor. Conversando sobre interdisciplinaridade com professores de 3ª e 4ª série do 1º Grau é a obra trazida por Lucrécia C. Rasquini. Nesse texto, a autora apresenta as dificuldades comuns pelas quais passam os professores de 3ª e 4ª série dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desde o acúmulo de horas/aula em Instituições diversas, como a falta de tempo para planejamento e participação em cursos de formação continuada, para atualizar as suas concepções através da reflexão e da pesquisa. Essas discussões foram refletidas com a partilha da autora sobre a sua prática de sala de aula com os professores participantes, direcionando os olhares à avaliação formativa, bem como as divergências que cingem a sua formação. Nesse grupo de professoras emergiram dois símbolos que representaram/representam o recebimento – pronto – da educação. Por isso, “peteca” e “envelope” significam que o sistema educacional nos é dado como pronto (envelope) e, como

nem sempre está voltado à realidade, ninguém sabe bem ao certo onde vai dar/cair (peteca). Partindo do pressuposto de que a interdisciplinaridade se efetiva através das perguntas – e não pelas respostas como estávamos habituados – Rasquini organizou um quadro conceitual sobre os conceitos de disciplina, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade, o qual fez surgir questões bastante interessantes. Fez aparecer, também, a força do erro em nossa forma de ser, agir e pensar, fazendo-nos, muitas vezes, permanecer “anulados” diante de situações não convencionais, como se tivéssemos que saber tudo a todo instante. Nesse sentido, “[...] com humildade, o professor aprende a ouvir e a dar sua opinião, reconhecendo que seu saber não é o mais importante, ele também é importante”. Na terceira parte do livro – Língua e Literatura, Carlos Augusto B. de Andrade apresenta o seu texto Um novo movimento no ensino de língua portuguesa. Em seus apontamentos, revela que ressignificar o ensino da língua portuguesa tem sido uma constante e uma exigência quando se assume uma perspectiva interdisciplinar. Essa atitude implica mudança; mudança contra as formas cristalizadas que nos “paralizam” diante de nossas leituras e escritos e de nós mesmos, conduzindo-nos a um ensino distante da língua, voltado, em sua grande maioria, apenas à gramática, como se essa fosse a única preocupação. Isso acaba por desmotivar os alunos quanto ao seu estudo. Esse desejo de mudança conduziu os professores a um planejamento condigno com os novos ideais de ensino da língua, numa construção conjunta, humilde, compartilhada e cúmplice. Andrade nos diz que é preciso transformar o ensino da língua, pois este não está pronto. Além disso, os sujeitos apenas se constituem como tais à medida que a utilizam para interagir com os outros. Outro fator apontado e que deve ser observado é a aproximação das leituras com os objetivos propostos, para que ambos adquiram sentido. Dessa maneira, essas reflexões serviram para compreender que no ensino da língua o importante não é a transmissão e o treino repetitivo de atividades lingüísticas, mas a percepção dos alunos como sujeitos autores e leitores de seus textos. Para isso, aparece o professor como mediador desse processo. Maurina P.G. Oliveira da Silva, em sua produção A interdisciplinaridade e o ensino da literatura: a academia vai à escola mostra que as ações dos pesquisadores interdisciplinares são marcadas pelo reconhecimento do outro para construir – o encontro. Esse encontro foi habitado por reflexões significativas em torno da interdisciplinaridade, reflexões estas surgidas a partir do grupo de professores e/ou levadas por Silva. Aos poucos, com base nas considerações apresentadas, foi visível a transformação do grupo e o seu caminhar a uma sala de aula interdisciplinar. Houve a substituição do medo pela cooperação, pois os parceiros foram envolvidos e conduzidos a novas reflexões. A autora relatou uma experiência por ela desenvolvida com o jornal, como recurso didático. Essa atividade foi proposta para vivenciar os princípios da interdisciplinaridade. Em seguida, Maurina nos brinda com uma descrição de rara beleza acerca de sua estada em Resende, nesses dias de estudo. Apresenta as atividades desenvolvidas nesse período e nos permite – enquanto leitores – vivenciar as várias facetas da linguagem, principalmente quando descreve seu momento de emoção, surgido a partir da atitude inusitada do grupo em oferecer-lhe a canção de Milton Nascimento e Fernando Brant “Canção da América”. Segundo ela, “ouvir a mensagem e a canção fez brotar em mim uma emoção tão forte que, naquele momento, senti um rio morno atravessando a minha face [...]”. Ou seja, esse “rio morno” que atravessara a sua face é a fonte reveladora de que amigo é coisa para se guardar dentro do peito, no lado esquerdo do peito, dentro do coração. Na quarta parte do livro – Ciências e Matemática, Maria Elisa de Mattos P. Ferreira apresenta o texto Conversando sobre interdisciplinaridade com professores de ciências Físico-Naturais, iniciando a sua produção com a beleza e a pureza com que se remeteu à organização do encontro, em Resende. Nos presenteia com as suas memórias da meninice, juntamente com as de seus familiares, nos mostrando as suas raízes “fincadas” nessa cidade por mais de dois séculos. Era o momento de revisitar o vivido; alegrias/tristezas e lembranças/saudades. A proposta era mesmo uma conversa; uma conversa sobre o descontentamento desses docentes (ciências físico-naturais) em relação ao trabalho pedagógico, devido ao desinteresse dos alunos. Para tanto, Ferreira solicitou que lhe escrevessem sobre as práticas que eles consideravam ter sido positivas e nesses relatos percebeu a presença de categorias da interdisciplinaridade (fazer, vivenciar, busca da totalidade...). Conduziu, desse modo, esses professores a novas reflexões sobre a interdisciplinaridade, como sendo uma questão de atitude, estabelecendo uma analogia entre os fins e os meios. A autora concebe que se os resultados foram positivos, satisfatórios também foram os meios utilizados. Portanto, não se distanciam dos fins e cita, para essa compreensão, o trabalho em grupo. A partir dessa perspectiva, discute síntese (uma visão geral e confusa do objeto em questão), análise (fixação nas partes, abstraíndo-as, isolando-as do todo) e síntese (uma volta ao todo, com uma visão geral, clara e nítida). Essa discussão desencadeia questões bastante interessantes e comuns dos professores em relação a sua ação pedagógica para uma posterior

intervenção/mediação para a formação e o desenvolvimento do senso crítico nos alunos. Isso, por sua vez, propulsionou a elaboração de uma carta de intenções em relação às práticas exequíveis para a transformação da realidade local. Ferreira finaliza deixando aos seus leitores uma pergunta “[...] a interdisciplinaridade deve ser entendida como opção ou como necessidade?”

Pensando a interdisciplinaridade no ensino de ciências de 1º Grau (1ª a 4ª séries) é o texto trazido por Selma A. de Moura Braga, em que ela reflete sobre as experiências vivenciadas, com base na interação estabelecida com os outros, bem como desvela as preocupações e os questionamentos sobre o ensino de ciências, as categorias da interdisciplinaridade e os momentos de encontro entre teoria e prática. Braga propõe um pensar sobre a interdisciplinaridade a partir do corpo humano, tecendo reflexões acerca de como esse estudo tem sido desenvolvido e compreendido pelos educadores. Nessa perspectiva, solicitou que cada professor participante falasse sobre a sua ação, falas primorosas entrelaçadas com a teoria/prática, caminho seguido para compreender a composição de uma sala de aula interdisciplinar. Além disso, essas falas serviram de pano de fundo para perceber o planejamento que seria desenvolvido no dia seguinte e outra questão percebida foi a falta de leitura dos professores, que possuem dificuldades para ler um texto com um olhar mais aprofundado, mais científico. Em relação ao trabalho desenvolvido com o corpo, a autora sugeriu que os participantes tocassem os seus corpos diante de um espelho, sentindo-o como um todo constante. Apareceram nesse momento, considerações muito interessantes. Em seguida, foi pedido que cada um registrasse/desenhasse o seu corpo como se via. Nesse movimento de tocar e de se ver, assim como nos relatos, a interdisciplinaridade esteve presente, mesmo que inconscientemente. Dessa forma, ao abordar o corpo humano num contexto interdisciplinar, uma maior unicidade acerca desse corpo/ser foi percebida. Eis, portanto, a razão de saber/fazer/ser.

Maria Delourdes M. Santos desenvolve o texto Pensando a interdisciplinaridade no ensino de ciências do 1º Grau – 5ª a 8ª séries. Ela destaca que a participação neste evento contou com as “possibilidades” e os “desafios” que o ensino de ciências – 5ª a 8ª séries carrega. Foi um momento de (re)encontro, (re)aproximação com colegas e com a sala de aula. Um momento novo... Um “estar” em parceria com professores que sequer havia falado... Um novo inesperado, não rotineiro... Mas convidativo. Santos encaminha as suas reflexões sobre o sentido de educar em Resende, o sentido da sua vida, o refazer da caminhada e o trabalho em campo. Ela nos conduz a uma viagem entre prática e teoria e nos instiga e convida para o sentimento de mudança do ensino de ciências, a partir do olhar, olhar este de “sempre criança”.

Conversando sobre interdisciplinaridade no ensino da matemática é a produção trazida por Ricardo Luís de Souza. Ele apresenta a matemática como ciência, mas para isso, destaca que a mesma precisa estar em movimento/mutação. Isso implica assumir uma relação ambígua para o que sempre foi concreto, pronto e acabado. Souza é enfático ao dizer que a matemática foi tratada como verdade absoluta, portanto, autoritária, sendo direcionada a alguns poucos. Desse modo, torna-se fria, morta, ou seja, “algo frio e inacabado já está morto [...] é necessário matar o morto e, deste morto, recuperar a vida”. Entretanto, quando esse “reviver” da matemática não ocorre, aparecem os problemas de alguns que possuem verdadeiros traumas dessa disciplina, pois não conseguem perceber uma relação viva dessa ciência com a sua vida. Nesse momento, os professores podem aparecer como vítimas ou como carrascos. Sob essa ótica tece reflexões sobre a necessidade da mudança de atitude dos professores no ensino da matemática, com base na perspectiva interdisciplinar, buscando relacionar os seus conceitos/conteúdos com a especificidade de sua realidade.

Na quinta parte – História e Geografia, José Gilberto da Silva aborda as suas reflexões em Redesenhando a prática no ensino de história: um exercício interdisciplinar. Esse texto parte para um “redesenhar” do ensino de história, apoiando-se na parceria que a interdisciplinaridade suscita. Para Silva, “o encontro é o prenúncio da parceria” e esta deve ser estabelecida entre professor/aluno/realidade/processo histórico vivido e a compreensão desse “caminhar”, pois os momentos históricos são unos, portanto, não se repetem. Entretanto, se estudados de modo fragmentado e distante do contexto vivido pelos sujeitos, perdem o sentido e as possibilidades de concatenar ontem/hoje e transformá-los em reflexão. Assim, com base na parceria interdisciplinar, a possibilidade de atribuir sentido e significado ao ensino de história ganha vida e transforma o processo histórico em algo vivificável.

Trabalhando a geografia de forma interdisciplinar é o texto de Araldo Fernandes Gardenal. Aqui o autor aponta que a geografia, assim como qualquer ciência, vem passando por significativas mudanças – interdisciplinares – quebrando as tradicionais fronteiras impostas entre os conhecimentos. De acordo com Gardenal, essas mudanças ocorreram em três

ordens (1ª Geografias interdisciplinares dialético-marxistas; 2ª Geografias interdisciplinares dialético-fenomenológico-existencialistas; 3ª Geografias transdisciplinares multiformes articuladas embrionariamente via paradigma da complexidade, da arqueogenealogia, holonômicos e pós-modernos), o que imprime a necessidade de assumir novas práticas e direcionar as atenções, também, à formação dos professores de geografia e para isso apresenta autores renomados que abordam a temática da geografia humanística, bem como, a grande dificuldade de acompanhar e implementar tamanhas transformações.

Na sexta parte – Estética e Arte, Marcos Villela Pereira traz o texto Educação estética e interdisciplinaridade: de como uma levou à outra. O autor flexibiliza sobre os aspectos estéticos do cotidiano na sala de aula em paralelo com a tendência acadêmico/científica. Assim como em todos os grupos de trabalho (GT's), a heterogeneidade se sobressai, apontando algumas dificuldades na realização do trabalho proposto, pois a maioria dos participantes não tinha uma formação de "arte-educador". Foi preciso "provocar" situações para que a parceria e a humildade se fizessem presentes e, para isso, nada melhor que o trabalho/debate em grupo e, posteriormente, a sua socialização. Desse modo, a interdisciplinaridade, voltada à educação estética, requer compromisso e comprometimento político, uma atitude diante dos seres e dos saberes.

Ricardo Hage de Matos, em Interdisciplinaridade, estética e arte, expressa a sua pronta aceitação ao convite da professora Ivani para o trabalho em Resende. Isso porque, o presente tema é o seu "caminho" de pesquisador/professor, que agora teria a oportunidade de lapidar com a teoria da interdisciplinaridade. Juntamente com o grupo, desenvolveu as questões do conhecimento, da ciência e da arte na erudição interdisciplinar, buscando extrair a essência do prazer de aprender a cultura e a arte, através da reflexão e da pesquisa. Matos desencadeia suas reflexões a partir da "lição de casa" proposta aos participantes no findar do primeiro dia – observar aspectos históricos, imagéticos e comportamentais acerca da novela das oito, a qual grande parte do grupo já estava habituada. Essa "lição" nos mostra o quão belo e profundo pode ser o simples, o cotidiano, o popular; basta a perspicácia e a capacidade de saber aproveitar tais momentos. Dessa maneira, mediatizou a construção dos saberes interdisciplinares a partir da realidade de sua interpretação, pois as reflexões tecidas e surgidas com a tal "lição" foram bem interessantes.

Carla Maria A. F. J. Machado, em A questão da percepção na interdisciplinaridade – cor de cor, fala sobre a interdisciplinaridade. A cor imprime desejo, vontade, abertura do olhar, percepção, sedução, descobertas, algo inusitado, singular, dependendo dos contextos em que se encontra. A interdisciplinaridade, por sua vez, carrega tais características na sua atitude de abertura e de busca do conhecimento e do ser. Um encontro que vai além do "estar junto", que transcende o que nem sempre está posto, que permite criar cor nova sobre cor velha, fazendo o velho brilhar com a luminosidade do novo. Isso indica que em uma mistura das cores, novamente habita o encontro. Porém, nesse "mistureco", houve a permissão de que cada cor pudesse ser percebida dentro de sua tonalidade. Todavia, quando sozinha, perdia a sua boniteza, mas acompanhada pelos outros tons, aparecia de forma magistral. Eu com o outro e o outro comigo. Eis a força do encontro!

Na sétima parte – Educação do Corpo, Maria Emília Mendonça apresenta o texto Educação Física num projeto interdisciplinar: uma nova maneira de ver e pensar o corpo. Nessa produção, a autora destaca a necessidade de se conhecer, trabalhar e experimentar o corpo quando se atua como professor de educação física. Além disso, cita os problemas de formação dos professores dessa área do saber, direcionada, de modo geral, a repetir uma ação feita por outrem, sem perceber a sua própria ação nesse processo. A partir dessa abordagem, a realidade dos professores de educação física vai aparecendo e as atividades vão sendo aprofundadas. Ou seja, através da reflexão sobre como se tem visto e pensado essa disciplina, o corpo de cada um pode ser notado. Portanto, quando se tem uma relação de permissão à percepção do corpo, os alunos aprendem a conhecê-lo e a utilizá-lo nas situações cotidianas como condição para ser.

Na oitava parte do livro – Informática e Educação, Vitória Kachar Hernandez escreve sobre O uso do computador numa abordagem interdisciplinar. Ela destaca que o computador é muito mais do que um instrumento para entreter os alunos; é fonte de mudança dos paradigmas educacionais. Contudo, ainda estamos muito distantes para compreendermos e aplicarmos a utilização do computador nas escolas em seu sentido lato, pois é bem mais cômodo contratar um professor de informática para trabalhar com os alunos que formar todos os professores para a utilização desse recurso. Hernandez aponta que há muitos ganhos quando se trabalha com o computador na escola de forma reflexiva e dentre as suas vantagens, enfatiza o resgate e o trabalho com o lúdico, já que este gera/desenvolve curiosidade, fantasia e desafio. Caso ocorra a utilização do computador como simples ferramenta, fria, distante e sem a presença da ação reflexiva, de nada valerá para resolver os problemas educacionais.

Na nona parte – Dificuldades na Escola, Manolo P. Vilchez traz o texto Dificuldades na escola:

da dúvida à prática intuitiva. O autor nos brinda com uma verdadeira aula de sensibilidade frente às dificuldades enfrentadas pela escola, aos professores, alunos e comunidade escolar, de modo geral. Ao invés de listar quais as soluções, como estava sendo esperado pela grande maioria das participantes, Vilchez fez com que eles percebessem, singularmente, as possibilidades de intervenção. Isso, claro, se tornou possível com base na reflexão e numa dinâmica utilizada que os fez perceber o quanto temos “sempre” a aprender e que as dificuldades são mais fáceis de serem superadas quando se trabalha em conjunto, mesmo em meio à toda heterogeneidade que se mostra.

A décima parte do livro – Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional, tem como texto Conversando sobre interdisciplinaridade com coordenadores pedagógicos: o encontro que se transformou em flor, de Ecleide Cunico Furlanetto. A autora aponta que muitos encontros partem do desejo de estar junto, de conhecer. Suas reflexões cingem a dimensão simbólica, enfatizando que a transformação verdadeira ocorre “[...] quando estamos inteiros na hora de aprender”. Esse trabalho foi desenvolvido com coordenadores pedagógicos, a partir do pensar sobre o seu sentido na escola. Utilizou-se da flor, símbolo este que permitiu ver a profundidade da beleza, da textura, da cor, do cheiro e da delicadeza que lhe pertencem. Essa analogia com a flor/profissão coordenador permite perceber a importância de estarmos prontos para germinar, nascer, crescer e nos tornarmos “flores” na vida da escola. Esse “nascer” faz parte de um ciclo, uma transformação a qual estamos sempre sujeitos se nos permitirmos desabrochar e emanar a beleza e a pureza das flores.

Conversando sobre interdisciplinaridade com orientadores educacionais é o texto de Maria Selma Franchi, em que ela revela a necessidade que a comunidade escolar tem de ser ouvida, sentida, bem-quista, ser percebida como sujeito/agente que forma outros sujeitos. Nesse caso, em específico, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais. Franchi cita que nesses profissionais da educação também se encontram refletidos os problemas advindos da formação inicial, juntamente, pela presença da falta de saberes trabalhados e aprofundados na universidade. O jeito, então, é buscar sozinho essa formação negada, o que dificulta o “andar” da prática educativa desses profissionais. Essas discussões são extensivas à interdisciplinaridade, que muito se ouve falar, mas pouco se vê fazer. Através dessas reflexões, o grupo de participantes utilizou-se do símbolo da bicicleta de 18 marchas para definir a interdisciplinaridade e, nessa descoberta/transformação/construção de conceito, o risco de pensar diferente, a ousadia em se permitir ver “novo” o “velho” e o simples com a possibilidade de se encantar e de se utilizar o que está perto para vir a saber.

Na décima primeira parte – Administração Escolar, Derly Barbosa apresenta o texto A prática da administração escolar numa atitude interdisciplinar. Barbosa direciona as suas reflexões à administração escolar, através do conhecimento e da prática de cada um e das propostas de mudança apontadas para abrilhantar e tornar consciente essa tarefa de gerenciar seres. Todavia, a intenção da mudança sempre esbarra com as dificuldades que se apresentam, mas, aos poucos tem perdido força com a inserção da ousadia e o aumento da autonomia dos diretores. Falta, entretanto, utilizar essas possibilidades na sua inteireza para que as transformações possam, de fato, habitar o contexto escolar. Outro ponto destacado pela autora é a necessidade da presença do referencial teórico e humano para os diretores. Humildade, saber ouvir, saber ver, determinação e parceria foram as categorias interdisciplinares que cingiram as discussões, ao revelar a importância do eu e do outro, ambos indispensáveis, porém, isolados, não têm força alguma. Isso demonstra o quão somos fortes e capazes quando, harmonicamente, caminhamos em direção à novas respostas, surgidas através de novas perguntas. Os questionamentos nos alimentam e nos permitem ver que o aprender é sempre um começo e que nos (re)fazemos a cada dia, a cada novo amanhecer.

Na última parte do livro – Um olhar de fora, Mário Nishikawa nos presenteia com o texto Aos professores de Resende: sobre aquela nossa “conversa”. Ele aponta que chegamos ao último texto, a uma carta/conversa escrita aos professores de Resende, com base na proposta da Academia “descer” de seu pedestal e adentrar a escola. Só essa atitude, coordenada com maestria por Ivani Fazenda, é reveladora de um ato de profunda humildade, de uma parceria que tudo tem para dar certo, para frutificar e vivificar as relações de aprendizagem estabelecidas na escola. Estendo aqui os meus cumprimentos ao professor Nishikawa que, brilhante e sensivelmente nos oferta um texto com a essência dos saberes trabalhados em cada um dos grupos, com seus respectivos professores. Lindíssimo! O autor sintetiza, nessa carta/conversa, a boniteza de ser/estar inteiro no processo de ensino e de aprendizagem e o quão especial é a presença da vida, da pergunta, da mudança e da parceira/humildade quando nos propomos a fazer algo.

Destarte, a experiência em Resende, Rio de Janeiro, acima relatada, nos mostra uma possibilidade real e prática da Academia se fazer presente nas escolas, formando e aprendendo a se formar constantemente. A Academia, aqui, assumiu uma atitude de rara

beleza, de humildade, de parceria, enfim, de interdisciplinaridade, iniciando uma colheita de  
muitos outros frutos.

Resenha produzida por Leomar Kieckhoefel,